


Para além do pornográfico: uma história dos jornais eróticos brasileiros do grande século XIX / *Beyond pornography: a history of Brazilian erotic newspapers of the great Nineteenth Century*

Natanael Duarte de Azevedo*

Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor Adjunto da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia (UEADTec) da Universidade Federal Rural do Pernambuco.

 <http://orcid.org/0000-0003-1435-2923>

Recebido em 21 out. 2019. **Aprovado** em: 24 out. 2019.

Como citar este artigo:

AZEVEDO, Natanael Duarte de. Para além do pornográfico: uma história dos jornais eróticos brasileiros do grande século XIX. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 52-66 / Eng. 53-67, nov. 2019. ISSN 2317-2347.

RESUMO

Analisamos a pornografia nos impressos brasileiros do grande século XIX com o objetivo de identificar o modo como a pornografia foi tomada em seu contexto de produção e circulação nos jornais pornográficos, partindo do lugar no qual o historiador da leitura e da literatura considera a apropriação e a representação do discurso de uma dada época. Essa identificação é possível se considerarmos os estudos da História da Literatura, bem como alguns conceitos da História Cultural como a noção de representação, apropriação, prática de leitura e comunidade leitora. Percebemos que a apropriação da pornografia nos impressos de oitocentos não se limita a sua função de excitar o leitor, pois no caso do jornal *O Riso*, nosso principal objeto de estudo, a pornografia aparece como instrumento de ataque político ao governo da época. Para verificarmos essa apropriação, foi necessário compreender os possíveis diálogos entre os jornais pornográficos do grande século XIX no tempo de sua enunciação, revelando elementos que nos permitem entender a representação de uma parte da comunidade leitora de oitocentos.

PALAVRAS-CHAVE: História da Literatura; Pornografia; Impressos de Oitocentos; História Cultural.

ABSTRACT

We analyzed pornography in Brazilian printed matter from the great 19th century with the objective of identifying how pornography was taken in its context of production and circulation in pornographic newspapers, starting from the place in which the historian of reading and literature considers appropriation and representation of the discourse of a given time. This identification is possible if we consider the studies of Literature History, as well as some concepts of Cultural History such as the notion of representation, appropriation, reading practice and reading community. We perceive that the appropriation of pornography in the 19th century prints is not limited to its function of excite the reader, because in the case of the newspaper *The Grin*, our main object of study, pornography appears as an instrument of political attack on the government of the time. In order to verify this appropriation, it was necessary to understand the possible dialogues between the pornographic newspapers of the great 19th century at the time of their enunciation, revealing elements that allow us to understand the representation of a part of the reading community of 19th century.

KEYWORDS: Literary history; Pornography; Printed 19th century; Cultural History.

*

 natanael.duarte.ufpb@hotmail.com



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v8i0.1571>

1 Impressos pornográficos: resultados de uma pesquisa

O artigo apresenta alguns resultados da pesquisa que teve seu início com o doutoramento¹ em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2013-2015) e tem tido continuidade com as atividades desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco. O objetivo geral da presente pesquisa é compreender o discurso pornográfico nos jornais brasileiros e sua relação com a história da literatura por meio da pornografia e da política presentes no jornal *O Riso*². Desse modo, tomamos como objeto de estudo o jornal *O Riso* (1911-1912) e a sua relação com outros jornais pornográficos no cenário dos impressos brasileiros.

O jornal *O Riso* circulou no território brasileiro nos primórdios do século XX, período esse marcado pela censura policial e médica (EL FAR, 2007) no que tange à discussão acerca da sexualidade. Não havia, a essa época, uma lei explícita que punisse os responsáveis pela circulação de material pornográfico ou os compradores de material “proibido”. El Far (2007, p. 289) destaca que “o Código Penal Republicano (1891), por sua vez, não fazia menção explícita à produção e disseminação de obras pornográficas, limitando-se a punir possíveis atentados ao pudor e ofensas públicas”.

Apesar de não haver uma punição legal (EL FAR, 2007), a leitura de livros e jornais pornográficos era vista de forma enviesada pela sociedade no período de transição do século XIX-XX. Porém, essa censura – se assim podemos chamá-la, uma vez que não havia investigação e punição severa – não era dirigida a todos os membros da sociedade que consumiam produtos pornográficos. As “grandes vítimas” da comunidade leitora eram as mulheres, seja por sua exclusão do mercado editorial pornográfico, uma vez que os gêneros literários pornográficos eram explicitamente voltados para os homens, como o demonstram as classificações atribuídas pelo mercado editorial: “leitura só para homens”, “romance para homens”, “leitura para homens”, “contos para velhos” eram expressões comumente usadas para

¹ Essa pesquisa é um recorte do trabalho desenvolvido no doutorado e tem como objetivo demonstrar como há lacunas na historiografia da literatura, em especial, se considerarmos a literatura pornográfica que circulava nos jornais do final do século XIX e início do século XX. Para uma visão mais detalhada das trajetórias pornográficas dos jornais brasileiros no grande século XIX, conferir Azevedo (2015).

² Optamos por fazer a atualização linguística das palavras presentes nos jornais do século XIX e XX com a finalidade de facilitar a leitura do artigo.

se referir aos textos pornográficos – seja pela “fragilidade mental” que lhes era atribuída pelos médicos e religiosos de Oitocentos.

Como o próprio termo sugere, os enredos que recebiam tal subtítulo deveriam ser proibidos às mulheres, vistas naquela época como pessoas de personalidade frágil, por isso, suscetíveis aos encantos da narrativa. [...] Os homens, de modo diferente, por serem capazes de discernir o mundo da ficção do cotidiano das regras e dos bons costumes, não corriam o mesmo risco. Por isso, tinham acesso irrestrito a essas leituras. (EL FAR, 2007, p. 290)

Destacamos que essa afirmação feita pela autora é sobre os títulos das obras pornográficas divulgados nos jornais. Se por um lado o mercado de literatura pornográfica restringia sua divulgação para o público masculino, por outro, a sociedade conservadora não tinha nenhum controle das leituras “secretas” das mulheres de Oitocentos, pois, como bem observou Michel de Certeau (2012), o leitor é dotado de astúcias para desviar e subverter as normas sociais em nome da prática de leitura. Mas as mulheres não eram as únicas reprimidas em relação à leitura de romances pornográficos. Aos homens restavam as punições físicas. Da perspectiva da medicina em fins do século XIX (EL FAR, 2007), os homens que liam romances “proibidos” também corriam riscos, podendo desenvolver doenças sexualmente transmissíveis (a divulgação de produtos para cura da sífilis³ e da gonorreia⁴ eram frequentes nos jornais oitocentistas), debilidade mental, desgaste físico, anemia, entre outras.

Os homens, por sua vez, deveriam evitar o estilo de vida celibatário, quer dizer, o cotidiano de bailes, festas e de namoros efêmeros. Esse tipo de comportamento não representava apenas uma recusa aos ideais do casamento e da família, como provocava também o crescimento de casos de aborto, infanticídio, prostituição e de doenças sexualmente transmissíveis. Nessa perspectiva médica, o corpo sofria inevitavelmente uma enorme debilidade, tornando-se fraco, impotente e “gasto”. A disseminação dessas ideias no final de oitocentos era tão eficaz que o romance intitulado *Um homem gasto* (1885), assinado pelo pseudônimo L. L., rapidamente ganhou espaço nas colunas da crítica literária daquele período. Tratava-se do drama de um rico brasileiro, recém-casado, que, em resposta aos anos de libertinagem, via-se impedido de consumir seu casamento. Nas palavras publicadas num jornal, faltava-lhe o “essencial para as funções matrimoniais” (*A Semana*, 9/5/1885). [...] Além de possuir cenas provocativas, *Um homem gasto*, anunciado como um “romance para homem”, assim como *Amar*, gozar

³ “ELIXIR DE NOGUEIRA – do Farmacêutico Silveira – Único que cura a sífilis e suas terríveis consequências.” (*O Riso*, Rio de Janeiro, 16/11/1911, n. 26, Anno I, p. 5). Destacamos que a divulgação do Elixir de Nogueira se repete em mais de uma página nos diversos números publicados de *O Riso*.

⁴ “Pilulas de Bruzzi – Único específico vegetal que cura Gonorreias. Depósitos: Hospício 144 ES. Pedro 82.” (*O Riso*, Rio de Janeiro, 16/11/1911, n. 26, Anno I, p. 14)

e morrer..., parecia acreditar nos preceitos científicos propagados na época. (EL FAR, 2007, p. 301)

É importante percebermos que uma associação comum que se fazia a esses gêneros pornográficos era a prática da masturbação ou o desvio da ordem da procriação (ROUDINESCO, 2008), castigada por meio da culpabilização do pecado (DELUMEAU, 2003). Essa era a perspectiva moral, ligada diretamente aos preceitos da Igreja Católica. Porém, a visão da medicina mental do século XIX era outra: a prática da masturbação recebe outra conotação, segundo Roudinesco (2008), e assume o *status* de doença – é uma patologia, devia ser vista como uma doença e não como um desvio dos preceitos religiosos.

Nesse cenário de condenação de certas práticas sexuais e de publicação de obras pornográficas, surgem os jornais pornográficos que, como mencionou Sodré (2011), foram produzidos em todo o território brasileiro, mas tiveram pouca circulação.

Sobre essa questão posta por Sodré (2011), a circulação do jornal pornográfico *O Rio Nu* (1898-1916) rompe com esse paradigma, uma vez que se firma como um jornal de longa duração, permanecendo no mercado por 18 anos, com periodicidade bissemanal. O mesmo caminho foi seguido por *O Riso*, que, mesmo tendo circulado por apenas dois anos, destacou-se no cenário da imprensa nacional com periodicidade ininterrupta e com utilização dos mais modernos recursos de impressão para divulgar além dos temas pornográficos, críticas “ácidas” contra o governo republicano.

2 A sexualidade no jornal *O Riso*: uma miscelânea de prazeres

Para compreendermos os discursos presentes nos jornais, é necessário considerarmos a sua feitura, ou seja, sua materialidade e características de produção e circulação, além das estratégias dos editores do jornal *O Riso*, bem como a diversidade de gêneros literários que constituíam o periódico, levando em consideração sua materialidade e recursos tipográficos como elementos constitutivos da produção de sentido. Nosso interesse principal é realizar um trabalho descritivo para apresentarmos o nosso objeto de investigação: o jornal em si e por ele mesmo.

Um aspecto que deve ser observado na apresentação do periódico diz respeito à natureza heteróclita do jornal, pois como aponta Barbosa (2007a), o jornal é constituído na heterogeneidade, na pluralidade dos diversos gêneros literários que compõem o impresso. A partir dessa premissa, precisamos nos ater à presença de alegorias nas nuances pornográficas

de *O Riso*, pois pela pluralidade de gêneros literários que circularam no jornal, este se torna um campo fértil para a utilização da alegoria, principalmente no que concerne à construção da sátira. Sobre a alegoria presente nos jornais Oitocentistas, Barbosa (2007a) afirma que a utilização da linguagem alegórica é um fator recorrente e, nesse sentido, há uma relação direta entre a alegoria e a composição dos jornais do século XIX. Com base nas observações a respeito da alegoria nos jornais do século XIX, faz-se necessário catalogar os gêneros que se apropriam da pornografia enquanto alegoria para construção da sátira.

Vale destacar que a descrição do jornal *O Riso* leva em consideração os modos de utilização da pornografia pelos gêneros literários que, pela própria natureza do objeto, consideraremos o tempo presente de sua enunciação nos gêneros, levando em conta o gênero, a comunidade leitora e o utilitarismo⁵ dos gêneros em sua época, ou como observa Barbosa (2007a, p. 64): “o que foi produzido nos periódicos – inclusive o literário – não pode ser despregado do presente daquela enunciação e lido em uma perspectiva de transparência com a referencialidade”.

O jornal *O Riso*, autodenominado “Semanário artístico e humorístico”, circulou na capital federal, Rio de Janeiro, no período de maio de 1911 a novembro de 1912, com uma tiragem inicial de 15.000 exemplares, ao custo de 200 réis o exemplar avulso. A sede do jornal ficava na Rua da Alfândega, nº 182, sob o comando de Rebello Braga. A partir do número 47, de 11 de abril de 1912, quem assume a propriedade do jornal é A. Reis & C., mudando o endereço da redação para Rua do Rosário, nº 99. A partir do número 60, de 11 de julho de 1912, o jornal aumenta sua tiragem para 19.000 exemplares, permanecendo com o mesmo preço de 200 réis o exemplar avulso.

Essa quantidade de exemplares é relevante, visto que o *Correio da Manhã* (1901-1974), considerado um dos principais jornais políticos do Brasil, que circulou do período de transição de século e de governo, tinha uma tiragem de 30.000 exemplares em 1910 (BARBOSA, 2007b). Dessa forma, para um impresso de natureza humorística e pornográfica, ou como diz Sodré (2011, p. 478) “revistas efêmeras”, iniciar sua circulação com 15.000 exemplares, em seguida aumentar para 19.000, demonstra que *O Riso* teve uma boa aceitação do público e uma considerável vendagem.

⁵ Consideramos “utilitarismo” a maneira como os gêneros literários, bem como os textuais, contribuem para produção de sentido de um dado texto. Em nosso caso, o utilitarismo mostra a contribuição dos gêneros literários pornográficos para construção de uma crítica política e/ou para excitação do leitor.

Sobre o valor do jornal, vemos na figura abaixo que o periódico *O Paiz*, considerado um dos principais jornais políticos (SODRÉ, 2011) em circulação no mesmo período de publicação de *O Riso*, vendia seu exemplar avulso ao preço de 100 réis. *O Paiz* (1884-1934) circulava diariamente, enquanto que *O Riso* tinha uma circulação bissemanal com os seguintes valores: número avulso (200 réis), número atrasado (300 réis), assinatura anual na capital (10\$000⁶) e o exterior (12\$000).

Fig. 1: Cabeçalho de *O Paiz*, n. 10.140



Fonte: (*O Paiz*, Rio de Janeiro, 11/07/1912, n. 10.140, Anno XXVIII, p. 1)

No que diz respeito à materialidade, o jornal *O Riso* tinha uma média de 16 a 22 páginas impressas, com diversas fotografias e imagens eróticas ao lado de textos críticos políticos que compunham o jornal. A capa do jornal era representada sempre por imagens eróticas e as demais páginas do impresso eram compostas por diversas fotografias, geralmente de dançarinas francesas ao lado de textos literários.

Em sua maioria, as capas do jornal *O Riso* foram impressas com fotografias de dançarinas ou atrizes nuas, mas outros números apostavam no humor das caricaturas e/ou gravuras de temática erótica. Esse recurso estético foi possível pelo avanço da tecnologia de impressão da época. Segundo Sodré (2011, p. 405), devido à moderniza o da sociedade, as empresas jornalísticas foram “dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua fun o”. As melhorias no campo da produ o do impresso fizeram com que o plano de produ o do jornal e, conseqüentemente, sua circula o, alterasse “as rela o es do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores” (SODRÉ, 2011, p. 405).

⁶ Para termos uma no o dos valores, “*A Voz do Trabalhador*,  rgo da Confedera o Operária Brasileira, apresenta cifras mais moderadas e provavelmente mais realistas. De acordo com essa fonte, em 1908 as fábricas de tecido do Rio de Janeiro estavam alugando casas para famílias operárias por 8\$000, 10\$000 e 30\$000”. (LOBO et al, 1971, p. 256). Isso significa que a assinatura anual de *O Riso* na capital era equivalente   mensalidade de uma casa para operários da fabrica de tecido.

Fig. 2: Capa de *O Riso*, n. 51



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 09/05/1912, n. 51, Anno II, capa)

Tais fatores foram decisivos para o aumento da vendagem dos impressos e, por conseguinte, da circulação dos periódicos. Vejamos abaixo um exemplo de capa que utiliza alguns recursos gráficos, a exemplo do vestido natalino curto e com o decote mostrando os seios, para atrair os leitores por meio da criação de uma caricatura erotizada e em cores.

Fig. 3: Capa de *O Riso*, n. 33



Fonte: (*O Riso*, Rio de Janeiro, 04/01/1912, n. 33, Anno II, p. capa)

Os exemplares do jornal que traziam a gravura em tom de humor sempre faziam alguma referência aos assuntos políticos e sociais. Esses números de *O Riso* eram caracterizados pela utilização de gravuras de cores fortes, possivelmente para atrair a atenção do leitor. O mesmo não acontecia nas capas que traziam a fotografia de mulheres nuas, uma vez que as fotografias da época eram nas cores preta e branca. Vale salientar que não se trata aqui de uma decisão

editorial, mas das limitações tecnológicas da época. Assim como nas capas, as fotografias estavam presentes nas outras páginas de *O Riso*. Desde a criação do jornal, os editores deixaram explícita a preocupação com a dimensão estética do empreendimento editorial: “Nossa preocupação, nosso programa é todo de estética [...] tendo por único rumo a Beleza em todas as suas manifestações” (*O Riso*, Rio de Janeiro, 26/05/1911, n. 1, Anno I, p. 1). Dessa forma, mesmo que os textos publicados nas páginas de *O Riso* fossem voltados para a crítica política ou social, percebemos a preocupação estética com a presença de imagens eróticas de mulheres e/ou caricaturas que buscavam a excitação do leitor.

Nesse sentido, os romances que foram publicados pelo jornal apresentavam três modelos distintos de romance que nomearemos de romance folhetim pornográfico, romance epistolar pornográfico e romance breve⁷ pornográfico:

- Romance folhetim pornográfico: romances seriados com temática pornográfica que foram publicados nas últimas páginas de cada número do jornal, em um espaço dedicado à publicação do folhetim.
 - ✓ *As aventuras do Rei Pausolo – Romance jovial*. O romance mais extenso do jornal, publicado do n. 1, em 26 de maio de 1911, ao n. 54, em 30 de maio de 1912.
 - ✓ *Supremo Abraço – Romance d’Amor*, por Victorien du Saussay: romance que substitui *As aventuras do Rei Pausolo*. Foi publicado do n. 55, em 06 de junho de 1912, ao n. 80, em 28 de novembro de 1912. Diferentemente do primeiro romance folhetim do jornal, o *Supremo Abraço* não foi concluído, pois o jornal encerrou sua circulação no n. 80.
- Romance epistolar pornográfico: romance seriado com temática pornográfica composto por cartas.
 - ✓ *A Aventura*, por Pierre Verber. O romance epistolar foi publicado desde o n. 17, em 14 de setembro de 1911, até o n. 38, em 08 de fevereiro de 1912. O romance não foi concluído, sendo interrompido no n. 38.
- Romance breve pornográfico: romances curtos com temática pornográfica com uma ou duas publicações.

⁷ Como o próprio jornal apresenta, o romance breve é um “romance rápido” publicado completo em um único número ou dividido em duas partes em números diferentes.

- ✓ *A Substituição – romance rápido e por cartas*, por M. H. Foi publicado em um único número do jornal, n. 3, em 07 de junho de 1911.
- ✓ *Um Cobarde*, por Catule Mendés. Romance dividido em duas partes. A primeira foi publicada no n. 6, em 29 de junho de 1911, e a segunda parte no n. 8, em 13 de julho de 1911.

Vale destacar que, além dos romances, outros gêneros literários circularam no jornal, cada qual com uma função utilitária para comunidade leitora que ia desde a simples recreação por meio do humor à utilização da pornografia para construir uma crítica política e/ou social, como podemos perceber em relação às críticas presentes no jornal sobre a perseguição do jogo do bicho.

BICHO E MAIS BICHO

Isso está pior do que a hidra de Lerna, e não ha mais Hercules para exterminar o novo monstro que se apoderou do Brasil inteiro, e tornou-se o pesadelo da nossa polícia, que está dando pancada de matar bicho, porém é pancada de cego. Corre grande perigo quem se atrever a falar em bicho perto de qualquer agente policial. As autoridades têm feitos coisas próprias de quem não cessa de matar o bicho, e o terror já vai invadindo o espirito dos pacatos habitantes dessa cidade bichada. Por causa do bicho um pobre homem, por uma simples denuncia, foi arrastado até uma delegacia, onde se verificou que o bicho que ele tinha era de pé. (*O Riso*, Rio de Janeiro, 26/05/1911, n. 3, Anno I, p. 3)

Apesar de o jogo do bicho ser muito presente no dia a dia do brasileiro da *Belle Époque*, tanto apostadores como vendedores de cartelas eram perseguidos, mas à elite brasileira cabia o direito de se divertir com outros jogos e incentivar a criação de espaços de lazer reservados a apostas: “Mesmo a forma de jogo popular mais difundida, o jogo do bicho, é proibida e perseguida, muito embora a sociabilidade das elites elegantes se fizesse em torno dos cassinos e do Jockey Club.” (SEVCENKO, 2003, p. 47).

Nas críticas do jornal, fica evidente que a perseguição só acontece contra o “homem comum”. Como podemos observar na citação acima retirada do jornal⁸, os personagens que sofriam com a ação violenta da polícia era da classe social inferior, tais como: “o pobre homem com bicho-de-pé”, “invasão a uma taverna que só tinha bicho nos queijos”, “casas com traças e cupins” etc. Assim, vemos que o governo federal estava mais preocupado em selecionar os

⁸ Por se tratar de um longo texto, fizemos um recorte para exemplificar a crítica que o jornal *O Riso* (Anno I, n. 3, em 07/06/1911, p. 3) fez à polícia carioca. Porém, ao longo do texto, outros exemplos de perseguição da polícia são citados.

jogos por seu público alvo do que em inventar uma sociedade isenta de artífices corruptores por meio de jogos e de contraventores:

O fato de a República ter favorecido o grande jogo da bolsa e perseguido capoeiras e o pequeno jogo dos bicheiros sugere uma recepção diferente do novo regime por parte do que poderia ser chamado de proletariado da capital. (CARVALHO, 1987, p. 29).

Essa perseguição ao jogo e à comunidade mais popular serve de mote para as frequentes críticas de *O Riso* ao governo e aos defensores do hermismo.

Assim como em outros exemplos no jornal, a crônica, “Bichos e mais bichos”, vem acompanhada por uma fotografia do nu feminino, fazendo com que a nudez e a política dividissem o mesmo espaço e os mesmo leitores.

Para melhor visualizarmos a miscelânea de prazeres, ou seja, as mais diversas composições pornográficas e/ou políticas presentes no jornal *O Riso*, realizamos um trabalho catalográfico⁹ com o intuito de demonstrar os gêneros textuais que foram publicados nos 80 números de circulação do jornal.

Quadro 1¹⁰: Gêneros textuais veiculados no jornal *O Riso* (1911-1912)

Gênero textual	Comunidade leitora	Utilitarismo	Exemplos
Crônica	Leitores em geral	Anunciar os fatos da semana e a intenção da publicação, por meio de críticas humorísticas.	“Chronica”. In: <i>O Riso</i> . (26/05/1911, n. 1, p. 1)
Provérbio	Leitores em geral	Produzir entretenimento e recreação, por meio do humor e da pornografia.	“Pensamentos...”. In: <i>O Riso</i> . (21/09/1911, n. 18, p. 6)
Notícia	Leitores em geral	Críticas políticas e sociais com temática humorística e/ou pornográfica.	“O nú artístico, uma nova profissão feminina”. In: <i>O Riso</i> . (26/05/1911, n. 1, p. 3-4)
Conto	Leitores em geral	Transmitir preceitos amorais, por meio do humor e da pornografia.	“Temperamento exquisito, por H. Pito”. In: <i>O Riso</i> . (03/08/1911, n. 11, p. 4-5)

⁹ Para leitura do quadro completo dos gêneros textuais presentes nos oitenta números do jornal *O Riso*, indicamos a leitura de Azevedo (2015). Nesse artigo, demonstraremos apenas alguns gêneros a fim de representarmos a construção heteróclita do jornal.

¹⁰ Os quadros 1 e 2 são adaptações livres do quadro expositivo proposto por Cruz (2014).

Romance epistolar	Leitores em geral	Transmitir preceitos amorais, por meio do humor e da pornografia.	“A substituição, por M.H.”. In: <i>O Riso</i> . (07/06/1911, n. 3, p. 9-10)
Divulgação de livros	Leitores interessados em livros pornográficos	Divulgar os livros e romances folhetins pornográficos, além de álbuns de fotografia erótica.	“Bibliotheca d’O Riso”. In: <i>O Riso</i> . (13/07/1911, n. 8, p. 7)
Caixa postal	Leitores em geral	Cartas do leitor com pseudônimos humorísticos	“Caixa postal d’O Riso”. In: <i>O Riso</i> . (20/07/1911, n. 9, p. 6)
Charge	Leitores em geral	Produzir entretenimento e recreação, por meio do humor e erotismo.	In: <i>O Riso</i> . (14/09/1911, n. 17, p. 14)
Baladas	Leitores em geral	Produzir entretenimento e recreação, por meio do humor e erotismo.	“Baladinhas ambulantes, de um quitandeiro”. In: <i>O Riso</i> . (12/10/1911, n. 21, p. 8)
Mote e glosa	Leitores em geral	Produzir entretenimento e recreação, por meio do humor e erotismo.	“Motte, por Dr. Sinete”. In: <i>O Riso</i> . (25/01/1912, n. 36, p. 12)

Já o Quadro 2 tem por objetivo demonstrar alguns jornais pornográficos que circularam no Brasil durante o final do século XIX e início do XX, dialogando e/ou influenciando a composição e o estilo de *O Riso*.

Quadro 2: Principais jornais pornográficos em circulação entre 1898 a 1916

Jornal	Editor	Denominação	Local	Periodicidade	Período de Circulação	Temáticas
<i>Rio Nu</i>	Heitor Quintanilha, Gil Moreno e Vaz Simões	Cáustico e Humorístico Humorístico e ilustrado* *A partir do nº 33	Rio de Janeiro	Semanal Bissemanal* *A partir do nº 33	1898-1916	Erótica, humorística, polêmicas e críticas políticas e sociais, cenário cultural.
<i>O Nabo</i>	Frei Nabiça e Frei Maxixe	Órgão humorístico, cáustico, debochativo e noticioso	Rio de Janeiro	Semanal	1900	Erótica, humorística, críticas políticas e sociais.

O Coió	? Rebello Braga* *A partir do nº 61/1902	Ilustrado e humorístico	Rio de Janeiro	Semanal Bissemanal* *A partir do nº 61/1902	1901-1902	Erótica, humorística, polêmicas e críticas políticas e sociais, cenário cultural.
O Riso	Rebello Braga e A. Reis & C.* *A partir do nº 47/1912	Artístico e humorístico	Rio de Janeiro	Semanal	1911-1912	Erótica, humorística, polêmicas e críticas políticas e sociais, cenário cultural.

A listagem dos jornais pornográficos demonstra que *O Riso* dialogou com os outros jornais pornográficos de sua época. Analisar os pontos comuns e distintos entre os jornais que dividiam o mesmo mercado editorial se faz necessário para compreensão do discurso pornográfico que circulou e foi compartilhado pelos impressos e romancistas da *Belle Époque*¹¹ brasileira, além de verificar a presença da crítica mordaz contra os jornais republicanos que apoiavam o sistema político, ou o presidente Hermes da Fonseca.

Outra possibilidade de diálogo que encontramos entre os jornais é o elogio presente nas matérias do jornal *O Riso* sobre o *Correio da Manhã*. A “troca” de gentileza não era algo raro, mesmo se tratando de um jornal crítico e humorístico, mas os editores já se defendiam no número de abertura, alegando que “Nossa preocupação, nosso programa é todo de estética e bom humor. Sem ódios e sem paixões, tendo por único *parti-pris* o de rir de tudo e de todos.” (*O Riso*, Rio de Janeiro, 26/05/1911, n. 1, Anno I, p. 1).

A ideia de abrir a cabeça do próximo pertence indiscutivelmente à segunda categoria; mas a de abrir o coração do belo sexo tirando de lá o segredo da opinião feminina sobre o sexo barbado é sem duvida alguma genial. E assim alcançou os píncaros deslumbrantes do engenho humano o *Correio da Manhã* [...] Entretanto um aviso do organizador do concurso permite supor que a redação tem ocultado pudicamente na cesta de papéis outras que manifestam desejos positivamente impressionadores. Diz o aviso que nas cartas de respostas as senhoritas *devem-se abstrair por completo das qualidades físicas preferidas nos maridos*. (*O Riso*, Rio de Janeiro, Anno I, n. 2, em 01/06/1911, p. 1)

¹¹ A *Belle Époque* brasileira se configurava por uma tentativa extra-arte de ser a Paris dos trópicos, principalmente na capital federal, Rio de Janeiro, que importava tudo, desde os maneirismos até “da manteiga às volúpias trazidas pelas cocotes francesas que tão graciosamente ornamentavam as *maisons closes*, os cabarés e as lojas de moda da Rua do Ouvidor” (IVO, 2012, p. 6).

Vemos que na seção “Chronica”, do número 2, de 01 de junho de 1911, *O Riso* elogia a coragem e genialidade dos editores do *Correio da Manhã* em criar um concurso no qual as leitoras deveriam escrever cartas descrevendo como seria o marido ideal, mas ressalta, num tom jocoso, que os atributos físicos (eróticos) deveriam ser abstraídos das cartas das leitoras.

Dessa forma, optamos por mostrar que, além dos jornais pornográficos, *O Riso* mantinha um forte diálogo com outros jornais tradicionais, em especial o *Correio da Manhã*, devido a um possível apoio político de crítica ao governo republicano de Hermes da Fonseca. O que estava em xeque nessa relação de *O Riso* com jornais conservadores era o teor político e não o pornográfico, uma vez que o *Correio da Manhã* apoiou a candidatura de Rui Barbosa contra Hermes da Fonseca e sempre se colocou como um jornal de oposição ao hermismo, mantendo, assim, um diálogo amistoso com *O Riso*.

Horizontes pornográficos: algumas considerações finais

O desenvolvimento de uma pesquisa acerca da pornografia há muito tem gerado polêmica no âmbito acadêmico por sua natureza controversa, devido aos seus objetos (jornais e livros esquecidos pela história da literatura) e o seu conteúdo (o sexo explícito). Decidimos observar a pornografia por meio da representação de seu discurso e de sua relação com o meio político-social no jornal *O Riso*, que circulou na *Belle Époque* brasileira, uma vez que entendemos que a “literatura pornográfica atua na fronteira do espaço social” (MAINGUENEAU, 2010, p. 23). Partimos do pressuposto de que é necessário conhecer um impresso pornográfico para perceber o propósito satírico e a apropriação da pornografia como categoria literária para nortear e atrair o público leitor nos ataques políticos ao então presidente Hermes da Fonseca e seus confrades¹². Sob esse viés, é possível pensar que, na sátira, a pornografia se instaura como elemento constitutivo do ataque (in)direto ao regime republicano, em especial o hermismo.

Todas as particularidades observadas em relação à pornografia associada à crítica política da *Belle Époque* indicam que o pesquisador que se propõe a analisar bens culturais como o impresso deve se colocar no terreno do seu tempo de circulação a fim de evitar análises anacrônicas e descontextualizadas. Sendo assim, foi possível perceber as críticas políticas a partir do momento em que nos voltamos para as crises político-sociais, em especial a perseguição ao jogo do bicho, e sua relação com um impresso que se propõe humorístico e

¹² Dadas as limitações impostas pela natureza do texto, exemplificamos brevemente a crítica política através das denúncias de perseguição ao jogo do bicho.

pornográfico.

Desse modo, a pornografia deve ser vista na singularidade de sua produção de sentido, pois não há uma homogeneidade em sua composição. Muito pelo contrário, ela se reveste de múltiplos sentidos através dos mais distintos procedimentos criativos de utilização do sexo na literatura.

Os processos de apropriação da pornografia e de procedimentos de utilização da alegoria para criticar o governo estão diretamente ligados à necessidade de instauração da sátira como veículo de ataque às questões político-sociais. Nesse sentido, a sátira não se apresenta como um gênero literário, mas como um mecanismo da linguagem que se faz arma contra um sistema político por meio da arte. Assim, tanto os gêneros literários quanto os discursos pornográficos por trás dos textos são construídos em nome do ataque e não, apenas, da mera excitação do leitor.

Referências

- AZEVEDO, N. D. de. *Trajetórias pornográficas: O Riso pronto para o ataque, uma história dos jornais eróticos brasileiros*. 2015. 218 p. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPB), João Pessoa, 2015.
- BARBOSA, S. de F. P.. *Literatura e periódicos no século XIX: perspectivas históricas e teóricas*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007a.
- BARBOSA, M.. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007b.
- CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. ed 19. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CRUZ, K. J. C.. *Cultura Impressa e Prática Leitora Protestante nos Oitocentos*. 2014. 261 p. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFPB), João Pessoa, 2014.
- DELUMEAU, J. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18)*. Vol. 1. Trad. de Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- EL FAR, A. “Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX”. In: *Cadernos Pagu*, n. 28, jan-jun, 2007, p. 285-312.
- IVO, L. *João do Rio: cadeira 26, ocupante 2*. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial de São Paulo, 2012. (Série Essencial, n. 4, Academia Brasileira de Letras).

LOBO, E. M. L. et al. Evolução de preços e padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930 – resultados preliminares. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, 25(4), p. 235-266, Out./Dez. 1971. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/download/67/6249>. Acessado em 12/03/2019.

MAINGUENEAU, D.. *O Discurso Pornográfico*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial (Série Língua[gem], n. 42), 2010.

ROUDINESCO, E.. *A parte obscura de nós mesmos*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SEVCENKO, N.. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

SODRÉ, N. W.. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.